

O Caso do Pintor Acromatópico

Nos primeiros dias de Março de 1986, recebi a seguinte carta:

Sou um artista bastante conhecido, com 65 anos feitos há pouco tempo. A 2 de Janeiro passado, ia a guiar o meu carro quando uma carrinha me bateu do lado do passageiro. Quando me dirigi às urgências do hospital, foi-me dito que sofrera uma concussão. Ao efectuar um exame aos olhos, descobri que não era capaz de distinguir as letras nem as cores. As letras pareciam-me letras do alfabeto grego. A minha visão era tal que tudo o que via se assemelhava a imagens numa televisão a preto e branco. Ao fim de alguns dias, já conseguia distinguir as letras e a minha visão tornou-se semelhante à duma águia — consigo ver uma minhoca a retorcer-se no chão a um quarteirão de distância. A nitidez das imagens é incrível. **MAS — SOU COMPLETAMENTE ACROMATÓPTICO.** Consultei diversos oftalmologistas, que nada sabiam sobre acromatopsia. Consultei vários neurologistas, sem resultados práticos. Mesmo hipnotizado, continuo a não ser capaz de distinguir as cores. Submeti-me a todos os tipos de testes possíveis e imaginários. O meu cão castanho é cinzento-escuro. O sumo de tomate é preto. A televisão a cores é uma salganhada...

O autor da carta prosseguia perguntando-me se eu já alguma vez deparara com um problema semelhante; se conseguia explicar o que estava a acontecer-lhe — e se podia ajudá-lo?

Esta carta pareceu-me extraordinária. A acromatopsia é geralmente considerada uma afecção congénita — trata-se da dificuldade em distinguir o vermelho do verde, ou outras cores, ou (em casos raríssimos) da incapacidade para ver quaisquer cores, devido a uma deficiência nas células da retina sensíveis aos diferentes tipos de radiações luminosas, os cones. Manifestamente, porém, este não era o caso do meu correspondente, Jonathan I. Ele gozara duma visão perfeita ao longo de toda a sua vida, e nascera dotado da quantidade normal de cones nas suas retinas. Tinha-se *tornado* acromatóptico, após sessenta e cinco anos em que vira as cores normalmente — e para mais, *totalmente* acromatóptico, como quem vê «imagens numa televisão a preto e branco». O carácter repentino do acontecimento era incompatível com os processos de lenta deterioração que em certos casos afectam as células-cone da retina, sugerindo em vez disso uma lesão a um nível muito mais elevado, nas partes do cérebro especializadas na percepção das cores.

A acromatopsia total causada por lesões cerebrais, ou acromatopsia cerebral, apesar de descrita há mais de trezentos anos, continua a ser uma afecção rara e importante. Tem intrigado os neurologistas ao longo dos tempos, uma vez que, como todos os processos de destruição neural, pode revelar-nos os mecanismos da construção neural — neste caso específico, o modo como o cérebro «vê» (ou produz) as cores. Duplamente intrigante é a sua ocorrência num artista, um pintor para quem as cores têm uma importância primordial, e que pode não apenas descrever mas também retratar directamente aquilo que lhe sucedeu, transmitindo assim toda a estranheza, angústia e realidade do seu estado.

A cor não é um assunto trivial, muito pelo contrário, tendo concitado ao longo de centenas de anos a curiosidade apaixonada dos maiores artistas, filósofos e naturalistas. O jovem Spinoza fez do arco-íris o tema do seu primeiro tratado; a descoberta que mais satisfez o jovem Newton foi a da composição da luz branca; a grande obra de Goethe acerca da cor, tal como a de Newton, começou com um prisma; no século passado, o problema da natureza das cores tantalizou personalidades como Schopenhauer, Young, Helmholtz e Maxwell; e o último trabalho de

Wittgenstein foi o seu «Comentários Acerca da Cor». E no entanto, a maior parte de nós, na maior parte do tempo, ignora este grande mistério. Através dum caso como o do Sr. I. podemos decifrar não apenas os mecanismos cerebrais subjacentes mas a própria fenomenologia da cor, bem como a profundidade da sua ressonância e significado para o indivíduo.

Após receber a carta do Sr. I., contactei o meu grande amigo e colega Robert Wasserman, um oftalmologista, sentindo que devíamos unir os nossos esforços para analisar a complexa situação daquele doente, e, se possível, ajudá-lo. Vimo-lo pela primeira vez em Abril de 1986. Era um homem alto, muito magro, com um rosto afilado e inteligente. Ainda que obviamente deprimido pela sua situação, recebeu-nos com grande cordialidade e, ao fim de poucos minutos, encetou connosco um diálogo vivo e bem-humorado. Fumava constantemente; os seus dedos irrequietos tinham manchas de nicotina. Descreveu-nos a sua vida artística, muito activa e profícua, desde os primeiros tempos com Georgia O’Keeffe no Novo México, seguindo-se uma passagem por Hollywood nos anos 40, onde pintara cenários de teatro, até ao seu trabalho como expressionista abstracto em Nova Iorque nos anos 50, e mais tarde como director artístico de filmes e artista publicitário.

Ficámos a saber que o seu acidente fora acompanhado por uma amnésia passageira. Sem dúvida, ele conseguira fazer um relato preciso do acidente à polícia, logo após a sua ocorrência, no final da tarde do dia 2 de Janeiro, mas depois, devido a uma enxaqueca que não parava de aumentar, tinha ido para casa. Queixou-se à mulher, dizendo que lhe doía a cabeça e se sentia confuso, mas não fez qualquer referência ao acidente. Depois mergulhou num longo sono, quase letárgico. Só na manhã seguinte, ao ver a porta do carro completamente amolgada, é que a mulher lhe perguntou o que acontecera. Ele mostrou-se incapaz de lhe dar uma resposta clara («Não sei. Talvez alguém lhe tenha batido a fazer marcha-atrás», pelo que ela percebeu que algo de grave sucedera.

Em seguida, o Sr. I. meteu-se no carro e foi até ao seu estúdio, onde encontrou em cima da secretária uma cópia do relató-

rio policial do acidente. Compreendeu então que sofrera um acidente, mas estranhamente, já não se lembrava do sucedido. Talvez o relatório lhe avivasse a memória. No entanto, ao pegar na folha de papel, não foi capaz de decifrar o que lá estava escrito. Via letras de diferentes tamanhos e tipos, todas perfeitamente nítidas, mas que lhe pareciam caracteres «gregos» ou «hebraicos».¹ De nada servia usar uma lupa; os caracteres «gregos» ou «hebraicos» mantinham-se, apenas ficavam maiores. (Esta alexia, ou incapacidade para ler, durou cinco dias, findos os quais desapareceu.)

Convencido que fora vítima duma trombose ou de lesões cerebrais em resultado do acidente, Jonathan I. telefonou ao seu médico, que o encaminhou para um hospital local para ser examinado. Ainda que, como indica a sua carta original, lhe tenham sido detectadas nesta altura dificuldades em distinguir as cores, além da já referida incapacidade para ler, ele não teve qualquer noção subjectiva da alteração das cores até ao dia seguinte.

Nesse dia, ele decidiu regressar ao trabalho. No caminho até lá, teve sempre a impressão de guiar no meio do nevoeiro, embora soubesse que estava uma linda manhã de sol. Tudo lhe parecia enevoado, descorado, grisalho, indistinto. Já próximo do seu estúdio, dois polícias mandaram-no parar: passara em dois sinais vermelhos, disseram os agentes. Tinha feito de propósito? Não, disse ele, não dera conta de ter passado em qualquer sinal vermelho. Os polícias pediram-lhe que saísse do carro. Ao verificarem que ele estava sóbrio, embora aparentemente confuso e doente, passaram-lhe uma multa e sugeriram-lhe que procurasse um médico.

Foi com alívio que o Sr. I. chegou ao estúdio, cheio de esperança que, uma vez aí, a horrível neblina desaparecesse e tudo voltasse a estar límpido. Porém, mal entrou, viu que o estúdio, em cujas paredes havia inúmeros quadros de cores vivas, estava

1 Mais tarde, perguntei ao Sr. I. se ele sabia grego ou hebraico; ele respondeu-me que não, que apenas quisera transmitir a ideia de uma língua estrangeira ininteligível; talvez «cuneiforme», acrescentou, fosse um termo mais adequado. Ele via formas, sabia que elas tinham um significado qualquer, mas não fazia a mais pequena ideia qual.

agora totalmente cinzento e sem réstia de cor. As suas telas, as pinturas abstractas a cores que lhe tinham dado fama, eram agora acinzentadas ou a preto e branco. As suas pinturas — antes prenhes de evocações, sentimentos, significados — pareciam-lhe agora estranhas e desprovidas de sentido. Nesta altura, sentiu-se esmagado pela magnitude da sua perda. Toda a vida fora pintor; agora a sua arte perdera a razão de ser, e ele não conseguia imaginar uma existência sem ela.

As semanas seguintes foram muito difíceis. «Vocês talvez pensem assim: afinal de contas, qual é o drama de perder a visão a cores?» disse o Sr. I. Ele *sabia* as cores de todas as coisas, com uma precisão extraordinária (era capaz de indicar não apenas os nomes mas também os números das cores tal como surgiam num catálogo de cores Pantone que usara durante muitos anos). Era capaz de identificar desta forma, sem a mais pequena hesitação, o verde da mesa de bilhar de van Gogh. *Conhecia* todas as cores dos seus quadros preferidos, mas já não as conseguia ver, nem mesmo na sua imaginação. Talvez agora as conhecesse apenas através da memória verbal.

Para além da falta das cores, havia ainda outro problema: as imagens que ele via tinham um aspecto desagradável, «sujo», com os brancos ofuscantes mas desbotados e ligeiramente grisalhos, e os negros cavernosos — tudo feio, artificial, manchado, e impuro.²

O Sr. I. achava quase insuportável a aparência alterada das pessoas («pareciam estátuas cinzentas animadas»), e o mesmo acontecia com a sua própria aparência ao espelho: passou a evitar os contactos sociais e não suportava manter relações sexuais com a mulher. A seus olhos, a pele das pessoas, a pele da mulher, a sua própria pele, eram agora dum cinzento repugnante; «cor de pele» assemelhava-se agora a «cor de rato». Isto persistia mesmo quando ele fechava os olhos, pois a sua galeria de vívidas imagens mentais, embora preservada, perdera também a cor.

2 Da mesma forma, um doente do Dr. António Damásio, sofrendo de acromatopsia em resultado dum tumor, considerava que todas as coisas e pessoas tinham um aspecto «sujo», e até a neve acabada de cair lhe parecia suja e desagradável à vista.